

---

*Nacionalismo e agrarismo:  
o Triste fim de Policarpo Quaresma\**

---

Xiomara Péres Flores

*Nós brasileiros, somos como Robinsons;  
estamos sempre à espera do navio que nos  
venha buscar da ilha a que um naufrágio  
nos atirou.*

*(Transatlantismo. Careta, 8 de julho de  
1922).*

Lima Barreto, 1881-1922. Alguns críticos literários dizem que Lima Barreto adiantou-se aos tempos modernos. Triste Fim de Policarpo Quaresma poderia ser lido como exemplo do reflexo na literatura das angústias e preocupações de Lima Barreto sobre os fenômenos sociais de sua época.

Em Lima Barreto há, desde logo, preocupação com os fundamentos da nacionalidade brasileira, manifestando a falta deste sentido de pertencer à terra por parte dos seus habitantes. Esse alheamento percebido por Lima Barreto obedece ao sentido da colonização portuguesa e ao tipo de povoamento que se fez no Brasil, onde se destruiu uma existência anterior para se constituir um novo país de diferentes raças.<sup>1</sup>

---

\* O presente texto é um tópico do trabalho apresentado à disciplina "Raízes agrárias da formação social brasileira", ministrada pelo professor Luiz Flávio C. Costa na área Sociedade e Agricultura - CPDA/UFRRJ. Traduzido do espanhol por ana Amélia Cavalcanti de Melo.

<sup>1</sup> Essa preocupação é retomada por Caio Prado Jr.: *Formação do Brasil contemporâneo*. Editora Brasiliense, 19a. ed., 1986, p. 10.

Ademais, o romance abre uma considerável variedade de temas. Aqui só queremos nos referir às idéias nacionalistas e à imagem de mundo agrário que Lima Barreto verbaliza através do personagem central do *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

Policarpo Quaresma, escrevente do Arsenal de Guerra, conhecido na verdade como Major Quaresma, era um homem metódico, organizado segundo uma rígida rotina em torno do desempenho de suas funções burocráticas e dos estudos sobre tudo que era brasileiro, sua flora, recursos minerais, todas as obras sobre a história e a cultura do país.

Esse amor pelo nacional leva-o a tomar aulas de violão por considerar o instrumento parte das raízes culturais brasileiras. O sentimento de que o Brasil é estranho a si mesmo fica evidente quando ele coloca o português como língua imposta, não-autóctone, incapaz de descrever as belezas da nação. Nessa procura nativista, Quaresma propõe o tupi-guarani como língua nacional, em petição dirigida à Câmara de Deputados ("Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil... Demais, senhores congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é polissintetismo de múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas."<sup>2</sup>), onde é alvo de galhofa.

O tema da nacionalidade está presente em todo o texto, e aparece de forma cristalina quando ele aborda o problema agrário, como se pode ver nesta citação:

"A grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. Tinha todos os climas, todos os frutos, todos os minerais e animais úteis, as melhores terras de cultura, a gente mais valente, mais hospitaleira, mais inteligente, mais doce do mundo - o que precisava mais?"<sup>3</sup>

Note-se que a comparação com a primeira potência da época serve a Quaresma para se perguntar porque, tendo tudo, não é o Brasil o primeiro país do mundo, e logo atribui a causa aos governos. Pela boca de Felizardo, o criado de Quaresma, o governo é responsabilizado não só pelos problemas agrários, mas também pela situação conexa dos ex-escravos.

"Terra não é nossa... E 'frumiga'?... Nós é que não 'tem' ferramentas... isso é

---

<sup>2</sup> Cf. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, ed. Ática, S. Paulo, 11a. ed., 1993, p. 52.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 30/31.

bom pra italiano ou alemão, que governo dá tudo... governo não gosta de nós...”<sup>4</sup> (Conversa com Olga, a afilhada do Major Quaresma).

O problema social dos ex-escravos está referido aqui ao período posterior à Abolição, quando eles, sem condições técnicas e incentivos públicos, migraram para as favelas urbanas em busca de sobrevivência; resolvendo o governo o problema da mão-de-obra com a imigração estrangeira, à qual brindava ajuda para o seu assentamento no país. É interessante observar que isso reforçava nos ex-escravos o sentimento de não pertencer à terra e sentir-se um ser estranho no seu próprio país.

O contingente da força de trabalho que permanece no campo vai formar um *quase campesinato* que se encarregará da agricultura de subsistência e, por sua vez, vai corporificar outras formas de relações de trabalho, como a parceria, a meação e o colonato.

Outros problemas são denunciados por Lima Barreto: os impostos cobrados das pequenas propriedades no momento da venda de suas colheitas; a voracidade dos intermediários que abocanham os lucros do agricultor, por possuírem maiores meios e conhecerem o mercado.

Policarpo Quaresma conhecia essa realidade:

“A luz se lhe fez no pensamento... Aquela rede de leis de posturas, de códigos e de preceitos nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos, oprimir as populações, crestar-lhes a iniciativa e a independência, abatendo-as e desmoralizando-as”.<sup>5</sup>

“Crianças maltrapilhas e sujas, d’olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho, em casa bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos”.<sup>6</sup>

Lima Barreto, ou melhor, o Major Policarpo, descreve o campo brasileiro da época como expressão do binômio latifúndio-minifúndio empobrecido. De um lado, as grandes fazendas de café e, de outro, as pequenas propriedades em abandono, improdutivas, resultado da falta de assistência por parte do governo.

---

<sup>4</sup> Idem, p. 103.

<sup>5</sup> Idem, p. 114.

<sup>6</sup> Idem.

A solução para o grave problema seria a elaboração de leis que levantassem o agricultor. O Major Quaresma prepara o que seria um plano agrário, e a melhor oportunidade para levá-lo à prática se lhe apresentou na revolta de 1893, quando Policarpo, o “Patriota incondicional” encaminharia o documento ao Marechal Floriano, cujo desinteresse termina por rasgá-lo, e apenas escrever uma nota para o seu Ministro da Guerra.

Por certo Quaresma continua a dar o seu apoio a Floriano, muito embora descubra que ele não passa de um ditador, de cultura pobre e poucas energias. É esse homem, porém, que levaria o país a uma tirania doméstica e Policarpo Quaresma ao triste fim, numa cela, doente, sem nenhum amigo, terminando os seus dias fuzilado.

Xiomara Péres Flores é mestre  
pela UFRRJ/CPDA.

Estudos Sociedade e Agricultura, 2, junho 1994: 113-116.